

O DIA DO REGRESSO

*E há um vago, suave, sono,
Um sonho morno de agrado,
Quando regresso, dono,
Aos jardins do passado.*

Fernando Pessoa

Se toda arte se apresenta como um exercício ficcional sobre o tempo, as composições de Eduarda Rosa exaltam a memória na sua dimensão material. Gravuras, fotografias, desenhos, mapas, tecidos, objectos tridimensionais pacientemente recolhidos numa espécie de armazém arqueológico são-nos depois devolvidas em formas de sublinhada geometria.

Numa conferência realizada em Setembro de 2017 na Fundação Champalimaud, António Damásio referiu-se ao papel da memória na criatividade artística, que assenta na capacidade de representar memórias, ou seja, de recuperar de forma imagética - sonora ou visual - o passado. A memória grava o passado, não como fotografia, mas como código. Criar é manipular esses códigos, editá-los através da imaginação. Os fragmentos de que se serve Eduarda Rosa, retirados de livros antigos, adquiridos em feiras de velharias e antiguidades, recuperados das suas colecções de recortes, de tecidos, de livros, são os equivalentes materiais dos códigos de que falava Damásio. O título escolhido para esta exposição no Museu José Malhoa de uma artista nascida nas Caldas da Rainha há 70 anos - "Voltar a casa" - pode ser entendida para lá da sua aparente literalidade. A redescoberta das memórias da infância e adolescência disseminadas nos seus trabalhos pode agora ser lida no contexto em que foram registadas. E lá talvez possamos descortinar a cidade ritmada e pouco porosa dos anos 50/60, o ambiente familiar, os percursos quotidianos marcados pela escola, a farmácia, os amigos, as solidariedades curiosas, inventivas e transgressoras. Eduarda poderia talvez, como Louise Bourgeois, dizer: "Tomei nos meus braços as minhas memórias (boas e más), tranquilizei-as e embalei-as".

A memória é um reencontro. Voltemos a Damásio e à sua conferência: "a importância da memória não reside apenas na possibilidade de recordar o passado, mas no facto de nos permitir lidar com o presente e antecipar o futuro".

A memória introduz o princípio da continuidade na nossa vida em interpelação permanente pela mudança. A memória induz uma ordem das coisas, a ordem a que Eduarda sujeita as suas colagens e transmite nas suas composições.

“Voltar a casa” sugere também o sereno reencontro com um tempo perdido, a que a distância dos anos conferiu destino, compromisso e limites onde antes se difundira hesitação, alvoroço e imprecisão. Dirige agora a luz sobre a penumbra, destacando os planos e eliminando as sombras. O mito do regresso gerou uma das obras fundadoras da literatura ocidental: a Odisseia homérica., “Poema do regresso”, como lhe chamou Maria Helena Rocha Pereira. Ulisses persegue com uma determinação inabalável, a viagem que o deveria levar a Ítaca, a sua pátria, e para junto de Penélope, a sua amada. O trânsito do exílio para a hospitalidade é alimentado pela memória e pelo desejo de experimentar as alegrias que advém do reconhecimento dos lugares de memória. Calipso, na sua ilha, oferece a Ulisses a imortalidade, mas ele recusa interromper a jornada: “O meu dever é o meu anseio de todos os dias é chegar a casa e contemplar o dia do regresso”.

João B. Serra